Universidade federal de alfenas - Unifal
Brendha Thatiane Maia

Linguística Cognitiva:
relações de experiência e sociedade

Alfenas - Mg
2023

A linguística cognitiva, que surgiu entre os anos 70 e 80, veio não só com a intenção de pontuar aspectos que a linguística gerativa deixava um pouco de lado, mas para mostrar questões dentro da linguagem que são válidas até os dias de hoje. A principal crítica feita ao gerativismo não é à ideia do inatismo em si, mas ao conceito de que ele é suficiente para explicar a linguagem. A linguística cognitiva traz a ideia de que, apesar de nós seres humanos possuímos um gene que nos ajuda em nossa comunicação, há outras particularidades da linguagem a serem consideradas, como o meio social e suas interações ou as mais simples experiências humanas, que podem começar vindas do nosso próprio corpo.

Quando falamos sobre linguística cognitiva, estamos nos referindo principalmente às nossas experiências internas e externas, o que faz sentido já que, quando dividimos a linguística cognitiva em partes, de certa forma todas elas acabam por falar das nossas experiências.

Se adentrarmos um pouco mais a fundo nos estudos sobre a linguística cognitiva, descobrimos que temos diferentes temas a serem estudados, como a categorização, que vai ser o processo que vai ficar responsável não só por como vamos classificar as coisas ao nosso redor, mas também por diferenciá-las, já que é justamente esse o processo de classificar por semelhança (esse item se encaixa aqui por tais motivos) e classificar por diferença (esse não se classifica dentro desse grupo por tais motivos); a gramática, que vai olhar para a criação de diferentes frases e seus significados junto à semântica; as metáforas e metonímias, que trazem essa comparação entre um termo e outro; entre outros, afinal dentro de um estudo sempre se é capaz de achar algum princípio novo ou que era apenas desconhecido para você se aprofundar. Apesar de citarmos um pouquinho sobre cada, focaremos nas partes da linguística cognitiva que falam um pouco mais sobre as interações sociais da língua, como as molduras comunicativas, os esquemas imagéticos, os frames e modelos cognitivos idealizados.

As molduras comunicativas vão retratar justamente os moldes sociais em que usamos nossa linguagem, afinal, mesmo que nós não reparemos, somos sempre levados e ensinados a agir de determinadas e diferentes maneiras em diferentes situações. Não importa se somos aqueles que farão uma pergunta ou se seremos nós

a respondê-las, sabemos que existem contextos de linguagem diferentes a serem usados. Se encontramos um conhecido na rua e perguntamos a ele como ele está, os dois lados da conversa vão compreender que queremos descobrir um pouco mais sobre como as coisas estão andando, quais as novidades, certo? Diferentemente de como seria se estivéssemos falando com algum servidor da área da saúde que está nos atendendo, afinal ele não iria querer atualizações sobre os acontecimentos de nossa vida, mas sim iria querer saber que sintomas estamos sentindo para poder achar o melhor tratamento possível. As molduras comunicativas vão ser, então, o nosso parâmetro para podermos nos adequar a cada situação social, seja ela uma consulta, conversa entre amigos, uma reunião de trabalho ou qualquer outra interação que venhamos a ter.

Agora, quando falamos sobre esquemas imagéticos, vamos ter alguns tipos, mas vamos citar três: topológico (contêiner); orientacional, que vai ser definido pela orientação do nosso corpo; e dinâmicas de força. Por exemplo, não nascemos sabendo sobre o equilíbrio, mas com o tempo vamos aprendendo sobre ele com base em nossas experiências pessoais e acabamos aplicando esse conhecimento em outra área de maneira diferente. Os esquemas imagéticos se tornam capazes de fundamentar a estrutura de outros modelos cognitivos.

Enquanto os frames seriam um armazenamento de conhecimentos que vão ser categorizados a partir das nossas experiências. Os modelos cognitivos idealizados vão ser uma junção de todos esses frames. Para a linguística cognitiva, vai ser a partir daqui que conseguimos categorizar as coisas. De acordo com nossas experiências pessoais, sociais e culturais, formamos redes de “conexões” de palavras. Por exemplo, com relação ao termo “mar”, é muito comum pensarmos em termos que, de alguma forma, se relacionam com esse, como “praia”, “tubarão” ou outros animais marinhos, o ato de nadar, entre outros. Também vamos ter itens com um sentido mais cultural, afinal as experiências culturais que temos certamente divergem de experiências que um britânico ou um coreano poderiam ter durante seu dia a dia. Não só a língua é diferente, mas as refeições e hábitos de relacionamento, por exemplo, também.

É de acordo com essas experiências divergentes que vamos ter diferentes associações a um mesmo termo porque, por exemplo, em uma situação em que temos duas pessoas e uma delas teve acesso à escolarização e outra não teve, se elas precisassem classificar diferentes animais como uma vaca, uma águia e um salmão, iria haver diferentes formas de se classificar, mas somente a pessoa que teve acesso à escolarização vai ter possibilidade de classificar os referidos animais como terrestres, aéreos e aquáticos, já que apenas ela passou pela experiência social e pessoal de ter acesso a aulas de ciência na escola, o que deu a ela acesso a essa informação prévia.

Podemos concluir que a linguística cognitiva trouxe muito sobre a visão de como o âmbito social e cultural pode interferir na linguagem, o quanto as experiências pessoais e coletivas no âmbito social também o fazem, enriquecendo nossa linguagem. Como a linguística cognitiva também possui um lado na ciência cognitiva, nós podemos ver a interação de outras matérias que se interessam pela área, como a psicologia, por exemplo. A linguística cognitiva ainda não é tão conhecida, mas como a linguagem está sempre em evolução, sempre poderemos tirar ainda mais proveito disso se nos aprofundarmos nos estudos sobre como o social molda nossa linguagem no dia a dia.

Referências:

LEITE, Jan Edson Rodrigues; AURELIANO, Thalita Maria Lucindo; LOPEZ, Danielle Lima; TOSCANO, Mábila. **Modelos cognitivos idealizados acadêmicos x modelos cognitivos idealizados não acadêmicos: a categorização em classes hiperonímicas**. 2014.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**

SILVA, Augusto Soares. **A LINGUÍSTICA COGNITIVA UMA BREVE INTRODUÇÃO A UM NOVO PARADIGMA EM LINGUÍSTICA**.